

# O SURDO E AS POSIÇÕES SUJEITO: REPRESENTAÇÕES DO ENSINO DE LIBRAS EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Juliana Pellegrinelli Barbosa Costa

## Introdução

### Problema e Objetivos

O paradigma da inclusão, posto por Mantoan (2002), já é vivenciado nas escolas brasileiras, de formas variadas e em muitos casos como uma experiência, por tratar-se de uma nova realidade educativa. Os desafios do paradigma da inclusão estão postos. Costa-Renders (2009), pergunta pela visibilidade das pessoas com deficiência, coloca também a questão da complexa condição humana e sua vulnerabilidade como proposta de seus escritos. Propomos-nos a refletir sobre uma explicação dada pela autora, segundo ela, o paradigma da integração relaciona-se com a adaptação da pessoa com deficiência em sociedade, há um movimento da pessoa em direção à sociedade. Ao contrário, segundo o paradigma da inclusão, a incapacidade relaciona-se às limitações sociais, o movimento se dá por parte da sociedade em direção à pessoa com deficiência. Trata-se do que vemos no contexto universitário brasileiro em relação aos surdos, há um movimento, imposto pela legislação, fundamentado na ação da sociedade em direção aos sujeitos surdos, tendo o suporte do paradigma da inclusão.

Skliar e Quadros (2000) propõem uma inversão epistemológica, a colocação dos ouvintes no contexto dos surdos para entendermos o problema da inclusão. Os autores destacam a distância entre os discursos, e nós os chamaríamos de discursos politicamente corretos, e as práticas no que diz respeito aos surdos. Os autores (op. Cit.) destacam o lugar da LIBRAS, seus estereótipos perante os ouvintes; as experiências de filhos de pais surdos; a cultura visual da língua dos surdos; a sobreposição do visual em relação ao som e ainda, as pessoas com mais experiências visuais como mais aceitas pela cultura surda. Por meio destas concepções apresentadas, da diversidade de sentidos vislumbrados a partir desta língua, podemos destacar a importância de um esforço no sentido de compreender como LIBRAS é apresentada, no contexto universitário. Antes de adentrarmos ao universo das questões que mobilizam este artigo, gostaríamos de destacar a questão da língua dos surdos como crucial para entendermos as posições que este sujeito ocupou e ocupa no curso da história. O histórico sobre a então considerada linguagem dos surdos até que chegássemos à língua dos surdos que temos hoje, LIBRAS, cf. Costa (2009) pôde ser pesquisado através da legislação que antecede ao decreto Lei de Libras.

O Brasil encontra-se diante de um novo desafio com respeito à educação de surdos a partir do Decreto Lei de LIBRAS, 5626, datado em 22 de dezembro de 2005, regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

No capítulo II, deste decreto é tratada a questão da inclusão de LIBRAS como disciplina curricular. LIBRAS passa a ser disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, dentre os quais explicita serem os cursos de

licenciatura, os cursos normal médio e superior, os cursos de Pedagogia, de Educação Especial e também nos cursos de Fonoaudiologia. O decreto 5626 ainda recomenda, no mesmo capítulo, a constituição de LIBRAS como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e profissional. O capítulo III do Decreto trata da formação do professor e do instrutor de LIBRAS, em seu artigo 9º, são fixados prazos para que as instituições cumpram a inclusão de Libras como disciplina curricular. O prazo de dez anos, a partir de 2005 é declarado para inserção de LIBRAS em cem por cento dos cursos das instituições.

### **Questões mobilizadoras do artigo**

O Decreto data de dezembro do ano de 2005, portanto, em 2015, todos os cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia terão que cumpri-lo. Anos se passaram e o decreto vem sendo cumprido em algumas faculdades brasileiras. No entanto, o mesmo não é claro no que diz respeito à metodologia utilizada para a inserção de LIBRAS nos currículos (e nem em relação ao tempo de ensino de Libras na graduação, assim cada universidade decide quantos créditos devem ter a disciplina de Libras e em quantos semestres essa disciplina deve ser oferecida nos cursos – ou seja, há a obrigatoriedade, mas o cumprimento do decreto não implica necessariamente no aprendizado ou uso efetivo de Libras por esses futuros profissionais.

Pensaremos a questão posição sujeito surdo a partir da realidade do ensino de LIBRAS nas Faculdades de Tecnologia do Centro Paula Souza. Sendo assim, as questões que nos movem são: de fato, (1) quais os objetivos do ensino de LIBRAS nas FATECs? (2) Há surdos nas FATECs? (3) Há representações da língua brasileira de sinais, LIBRAS, pelos alunos que se achegam aos cursos de LIBRAS?

A partir destas perguntas principais, nos será possível, através das experiências vividas em sala de aula, apontar quais as representações de alunos ouvintes sobre a posição sujeito surdo. Assim sendo, a última questão coloca-se: (4) há posições sujeito apontadas através do discurso universitário das FATECs, a partir da experiência de ensino de LIBRAS na tentativa de responder ao Decreto Lei de Libras?

### **Desenvolvimento**

#### **Pressupostos Teóricos**

A proposta de escrita será baseada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Brasileira, doravante AD. Toda a materialidade angariada através da pesquisa será analisada de forma a destacar os efeitos de sentido presentes nos discursos sobre o sujeito surdo.

O princípio da alteridade nos fez refletir sobre o vocábulo singularidade, onde é que somos singulares? Nos discursos que nos habitam estão presentes todos os outros, eis a heterogeneidade constitutiva. Todos nós somos constituídos por outros, outros sujeitos, outros discursos, cf. Authier-Revuz (1990) o que nos escapa do consciente. Ler os discursos de forma a perceber as vozes dos outros representa perceber também as posições ocupadas pelos surdos nos discursos

dos outros. Para tanto, será necessário destacarmos alguns conceitos da AD considerados importantes para o desenvolvimento da pesquisa que se pretende. São eles: linguagem e sujeito (posição).

A linguagem é polissêmica, assim, os sentidos podem deslizar, pode ocorrer o efeito metafórico. O que afirmamos a partir da polissemia, baseados em (Orlandi, 2005, p.44) é que o deslize dos sentidos é um fato da própria linguagem. Ora, a linguagem não é direta, as palavras são vazias de sentido e cabe aos sujeitos que dela fazem uso, conforme sua historicidade, suas relações com o outro, conforme a história do momento vivido, conceder às palavras os sentidos cabíveis, então.

A linguagem não é transparente e pode ser dita ecoando sentidos distintos em diferentes interlocutores, ou pode, mesmo não dita, ecoar sentidos que signifiquem. Nos baseamos em Orlandi (1987, 1992, 2005) que tece considerações a respeito das formas do silêncio, das razões do silenciamento, afirmando que o mais importante nas relações ideológicas de uma determinada versão da história pode nunca ser dito. Em relação aos sujeitos surdos, podemos pensar o silêncio como imbuído de variados sentidos. Fica-nos o desafio de analisar os ditos e os silêncios.

Retomando as palavras de Orlandi (2004, p.28), a linguagem pela qual a AD se interessa será tomada como prática, como ação que constitui identidades e não como instrumento de comunicação.

Ao produzir um enunciado, o sujeito assume uma posição discursiva que significa em relação à memória e ao contexto sócio-histórico (Orlandi, 2005). Sobre o conceito de sujeito, temos: o discurso acontece no sujeito e através do sujeito, é ele quem movimenta os gestos de interpretação do objeto simbólico. Portanto, conforme (op. Cit), língua e história se encontram no discurso. Assim, o sujeito ao produzir discursos também é sujeito de discursos anteriores a ele, pois ele só é sujeito na história e através da língua. Ora, então podemos seguramente afirmar que o sujeito surdo é constituído por Libras e por LP, pois, no contexto de aprendizagem, sua interlocução se dá por meio destas duas línguas, trata-se de um sujeito bilíngue. E ainda, podemos concluir que a forma como a Libras é historicamente representada no contexto da educação brasileira constitui parte da posição do sujeito surdo, sua identidade.

Por posição sujeito entendemos ser a posição que os sujeitos ocupam na cadeia discursiva. A **posição sujeito** pode não coincidir com seu papel social no discurso. Um sujeito pode enunciar a partir do papel social de professor, contudo, ocupar a posição sujeito aluno.

Segundo Bolognini (2007), os sujeitos têm uma formação discursiva, logo, seu poder dizer e seu dever dizer determinam o funcionamento de seus discursos, quaisquer que sejam as posições sujeito que ocupem. Sua posição na cadeia discursiva pode não coincidir com o papel social em destaque. Logo, os sujeitos podem enunciar da posição sujeito surdo como cultural e linguisticamente diferentes em relação ao ouvinte, e, no entanto, serem interpretados através da posição sujeito surdo patológico, como enfermos. Isso significa dizer que o interdiscurso movimenta a linguagem e que os sentidos não estão postos, eles se movimentam.

Estamos diante do interdiscurso. Sobre este conceito, (Authier Revuz, 1998, p. 193 e 194) afirma ser o domínio das formações discursivas, ou seja, os sentidos parecem ter origem no momento da enunciação, mas não têm, o que ocorre é a dissimulação da dependência da formação

discursiva, esta depende do interdiscurso.

A observação que estabelecemos, baseados nestes pressupostos, é a importância do conhecimento dos discursos a respeito do sujeito surdo da educação brasileira, no contexto da educação inclusiva e para tanto, propomos reflexões sobre os dizeres atuais a este respeito, a legislação sendo posta em prática, no ambiente universitário.

### ***Conhecendo o contexto – Surdo, surdez e LIBRAS em contexto universitário***

A captação de informações sobre a história da educação de surdos até os dias atuais, já apresentada em Benvenuto (2006), Lima (2004), Reily (2007), Rocha (1997), Skliar(1999), Lacerda(1998) e Costa (2009) também justifica a proposta de trabalho que empreendemos. Ao trazer a disciplina LIBRAS para as licenciaturas, para os cursos de pedagogia e de fonoaudiologia, estamos diante da continuação da história de um processo de educação de surdos que está em desenvolvimento.

A inserção de LIBRAS no currículo universitário é realidade no contexto da Educação brasileira, porém, para o cumprimento do decreto Lei de LIBRAS, o país ainda enfrenta desafios, conforme sinaliza Ribeiro (2009). Um destes desafios, segundo a autora, seria dos coordenadores de cursos, em fazer cumprir o projeto pedagógico em sua estrutura/matriz curricular, sem deixar de lado as Diretrizes Curriculares Nacionais, para o exercício da legislação acerca de LIBRAS. A demanda em relação à busca de profissionais capacitados para o ensino de LIBRAS e ainda a forma de apresentação da disciplina são outros desafio que se colocam, por serem os sujeitos surdos parte de uma minoria lingüística.

Favorito (2006) faz um estudo apontando em direção à incorporação dos próprios sujeitos surdos no projeto pedagógico que lhes diz respeito. A autora aponta as dificuldades vividas pelos surdos, no processo de ensino, coloca também como tema inquietante a questão da relação de ensino aos surdos, em um contexto que se dá entre LIBRAS e LP. Mas, o que queremos destacar é uma afirmativa de (Favorito, 2006, p. 187), que nos leva à importância do deslocamento das posições do sujeito surdo junto aos professores (em sua formação), e isso só será possível através do conhecimento destas posições através dos tempos e no contexto da educação atual. Favorito (op. Cit.) aponta para um círculo vicioso em que surdos não aprendem as diferentes matérias por não saberem a LP e não sabem a LP por não serem considerados aptos a aprender.

Silva (2003) discorre sobre o papel fundamental da escola e da família do surdo no processo de contato com a LP. Fala da questão da identidade do surdo ligada à expectativa de tê-lo como um ouvinte em potencial, realidade na qual se salienta a relação surdo/ouvinte, na qual se ancora uma educação monolíngüe e não bilíngüe. O bilingüismo é a realidade de um modelo de educação que concebe LIBRAS como língua do surdo, mas que, legalmente, não pode substituir a modalidade escrita da LP. Assim, a hierarquização das línguas é evidenciada. A prática, porém, mostra poucos progressos no sentido do bilingüismo. Portanto, pesquisas no sentido de perceber LIBRAS e suas relações no contexto brasileiro, serão capazes de nos dar a dimensão do deslocamento das línguas brasileiras em contato e conseqüentemente, da posição sujeito surdo. A autora, (op. Cit.) ainda

aponta para a necessidade de aprofundamento nas pesquisas que tratem questões ligadas ao sujeito surdo.

Um estudo sobre a implementação do ensino de LIBRAS em contexto universitário foi realizado, Pereira (2008), tendo como perguntas de pesquisa: como se dá a incorporação das conquistas atuais das comunidades surdas e que ações norteiam a conduta da implementação do ensino de LIBRAS. A autora observa e nos leva a refletir: houve a tentativa de pesquisa em 20 instituições particulares e apenas 8 foram receptivas. Na ocasião, as universidades implementavam o ensino dessa língua em seu currículo, em nível de graduação. Apenas 3 universidades, em 4 cursos, já haviam iniciado de fato. Outras 2 haviam implementado apenas em cursos de extensão ou em atividades como palestras. A pesquisadora ainda sinaliza a dificuldade de contratação do profissional que atendesse ao perfil contemplado no decreto e que atendesse às necessidades do currículo. As observações acima citadas, embora numéricas, apontam qualitativamente para a evidência das dificuldades encontradas na prática do decreto de LIBRAS. Ora, o que contemplamos são discussões que perpassam políticas educacionais e sociais resultantes da vivência histórica do surdo, que constituem sua identidade no presente e a deslocarão no futuro.

Em (Pereira, 2008), há também a sinalização da dificuldade da implementação da nova disciplina, visto que esta reproduz as representações do modelo hegemônico, em sua organização política de maioria linguística.

Como modo de salientar a importância deste artigo, daremos a ênfase inicial em experiências práticas vividas, com respeito ao sujeito surdo por considerá-las cruciais no que diz respeito ao despertar das questões ligadas à identidade surda que se apresentam aqui.

Passaremos a destacar algumas experiências dadas em contexto universitário como modo de perceber de que forma chegamos a questionar sobre os distintos modos de ministrar a disciplina de LIBRAS, ou mesmo de usá-la em distintos contextos. Pudemos notar que as representações sobre a posição sujeito surdo se fazem presentes em todos os contextos destacados abaixo.

A partir da delimitação e desenvolvimento de nossa dissertação de mestrado, surgiu a necessidade de convivência com sujeitos surdos para que as palavras se caracterizassem também por meio da prática. Logo, (1) cursamos dois módulos da língua dos surdos, LIBRAS, em um total de 80 horas de aprendizado, na Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. No início do ano de 2009 e 2010, (2) participamos do Projeto Ciência e Arte nas Férias, realizado pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, como modo de aproximação de sujeitos surdos, com foco no aprendizado de Língua Portuguesa. (3) Fizemos a observação do trabalho realizado com alunos surdos, em contexto de sala de aula, realizado no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação, CEPRE, UNICAMP. (4) Outra experiência foi a observação da disciplina de LIBRAS, em um curso de fonoaudiologia, em contexto universitário, também na UNICAMP.

Como experiência atual, destacamos o trabalho realizado na Fatec Indaiatuba. Na unidade já havia anteriormente à experiência que destaco, um curso de LIBRAS, ministrado através da iniciativa do Núcleo de Estudos de Língua, com apoio de pessoas ligadas à ASDAI, Associação de Surdos de Indaiatuba. Este fato evidencia a tentativa de difundir LIBRAS, conforme as leis que se relacionam ao surdo enfatizam. Na condição de docente desta instituição, por meio da

apresentação de projeto, foram realizados três módulos do curso de LIBRAS para iniciantes.

No entanto, a experiência que passo a destacar é fruto do trabalho em Regime de Jornada Integral, RJI, realizado na Fatec, sobre o uso de Tecnologias Assistivas apoiadas em LIBRAS entre surdos e ouvintes. Um dos eixos da pesquisa se concentra em ministrar cursos de LIBRAS. Assim sendo, a última edição do curso, foi realizada com mais informações acerca da situação da surdez nas FATECs.

O curso aconteceu como modalidade de extensão, aberto a toda a comunidade de Indaiatuba e também da Fatec, houve sempre, nas 4 edições, mais procura que vagas. As vagas foram abertas a 30 alunos. A metodologia do curso contou com dois eixos: o teórico e o prático. O teórico com apresentação de questões históricas e referentes à vivência diária do surdo, como sua educação e sua vida profissional; o eixo prático referiu-se a apresentação da LIBRAS especialmente em forma de vídeos captados via web, para que os alunos compreendessem a variedade linguística, vissem a língua sendo usada por diversos falantes, em distintos ambientes e pudessem concomitantemente ter acesso ao material fora do ambiente da instituição. No decorrer do curso, foram propostos variados exercícios de uso da língua em simulação de contextos reais de fala.

O cronograma de 30 horas contou com temas teóricos tais como: o que é a língua de sinais; história da surdez no Brasil e fora dele; legislação acerca dos direitos da pessoa surda; Oralismo; Bilinguismo; Comunicação Total; o intérprete de LIBRAS; o surdo na escola; o surdo no mercado de trabalho.

Tais temas foram trabalhados com apresentação dos fatos acerca da teoria, propondo sempre um diálogo atualizado com a prática e as inovações propostas pelos mais diversos segmentos envolvidos com a questão da surdez, tais como: universidades, fundações, escolas, organizações, através de material disposto por tais instituições online. As discussões foram conduzidas sempre baseadas em textos teóricos da área (GESSER 2009, MANTOAN 2009, QUADROS 2005, SILVA 2005) propostos como apoio bibliográfico.

Em seguida, houve discussões entre alunos e professora, sempre no sentido de trazer a questão ao que acontece na vivência dos alunos, nos dias atuais. Foram propostas questões acerca de quais as informações anteriores ao conteúdo da aula poderiam ser notadas entre os alunos e também se possuíam alguma experiência prática acerca do tema abordado. Desta forma, foi possível relacionar teoria e prática, especialmente em relação a prática dos alunos, para que lhes fizesse maior sentido.

Também podemos chamar a atenção para o ensino de LIBRAS na Fatec Mogi das Cruzes, ensino que se dá atualmente em sua segunda turma, ou seja, já ocorreu como primeira experiência no semestre passado, como disciplina do Curso de Recursos Humanos daquela instituição. É conveniente salientar que houve concurso para docente, para que ocorresse a ministração da disciplina, o que confere à disciplina o status de parte da grade curricular do curso. A disciplina conta com 2 aulas semanais, 40 horas semestrais.

A disciplina tem o nome de LIBRAS e divide-se entre teoria e prática. A prática acontece a partir de noções básicas de língua de sinais, LIBRAS, e a parte teórica concentra-se, já que situada no curso de Recursos Humanos, nos desafios do mercado de trabalho aliados à língua brasileira de sinais.

Tais vivências em sala de aula dão suporte para descrever e discutir as questões que se colocam abaixo.

### **Refletindo sobre as questões que mobilizam este artigo**

A questão inicial é: quais os objetivos do ensino de LIBRAS nas FATECs?

Quanto à experiência da Fatec de Indaiatuba, os objetivos foram oferecer à comunidade a oportunidade de aprendizado inicial de LIBRAS, juntamente às questões teóricas mais importantes com respeito ao surdo e à surdez. Essa iniciativa se dá no sentido de preparar a instituição para o recebimento de alunos surdos que tendo ampliadas as possibilidades de comunicação com falantes de sua língua, podem ser melhor incluídos e se achegarem ao ambiente universitário.

Com respeito à experiência de Mogi das Cruzes, entre os objetivos da disciplina estão atender a demanda, tanto da educação quanto do mercado, contemplando a questão da inclusão social do surdo. Conforme a legislação, na lei 10.436, o capítulo I trata da inclusão da LIBRAS como componente curricular e o capítulo VI trata do papel do poder público e das empresas concessionárias de serviços públicos no apoio ao uso e difusão da LIBRAS. Portanto, a disciplina busca satisfazer ambos os temas abordados pela lei. O capítulo VI recomenda difundir a LIBRAS, haver tradução e interpretação de LIBRAS e Língua Portuguesa por servidores e empregados capacitados para tal função.

A questão que segue é: há surdos nas FATECs? Há, atualmente, conforme dados fornecidos por 32 unidades das FATECs, o registro de 7 estudantes que declararam algum registro de déficit de audição. Sendo que um aluno surdo encontra-se na unidade de Indaiatuba, um aluno que se declarou deficiente auditivo na unidade de Sorocaba e um aluno na unidade de São Carlos. Houve também nas unidades de São Caetano, Ourinhos, Franca e Jaú um aluno com déficit de audição em cada instituição. Estes 4 alunos não estão mais frequentando os cursos. Apenas uma das alunas, dentre as 4 unidades, concluiu o curso no qual se matriculou. Com respeito aos outros 3 estudantes, um deles mudou de cidade e esta foi a razão da interrupção do curso; quanto aos demais 2 alunos, não se sabe ao certo a razão da desistência dos cursos.

Este quadro de estudantes apresentado leva a outras questões pertinentes que serão ainda trabalhadas em pesquisas futuras. Tais como: Qual o motivo da desistência em relação aos estudos destes alunos? Qual o grau de surdez destes alunos? Estas questões são relevantes para pensarmos futuras ações, pois sabe-se que há necessidades específicas de inclusão destes alunos a depender das peculiaridades de cada caso. Pensar ações e aprender com o que já foi realizado nos levará a ações mais efetivas no sentido de manter estes alunos nos cursos almejados por eles, auxiliando naquilo que necessário for para que o estudo lhes seja possível e também para que novos alunos possam ser melhor incluídos.

A terceira questão sobre a qual nos deteremos é: quais as representações da língua brasileira de sinais, LIBRAS, pelos alunos que se achegam aos cursos de LIBRAS? A partir das duas experiências distintas de cursos nas FATECs, podemos afirmar o interesse dos alunos em estudar LIBRAS. Tanto os alunos do (1) curso de LIBRAS em modalidade de Extensão (FATEC Indaiatuba), quanto os alunos do (2) curso de LIBRAS como disciplina obrigatória do curso de Recursos

Humanos se mostraram empenhados em aprender a língua. No caso 1, sempre houve a abertura de 30 vagas, conforme o potencial de espaço físico que não compromettesse o ensino de uma língua que é visual. A não ser por uma edição do curso, das 4 edições, excedemos em procura ao número máximo de alunos. Nesta edição em que a procura não foi tão expressiva, a razão que se aponta foi a troca de horário do curso, que não atendeu às necessidades da comunidade. As razões de procura pelo curso foram em sua maioria, por interesse profissional, na expectativa de incrementar o currículo e em segundo lugar a procura se deu por interesses pedagógicos, também profissionais, de educadores querendo exercer o trabalho com mais conhecimento linguístico frente ao desafio de encontrar em sala de aula um aluno surdo.

No caso 2, além do andamento das aulas, durante o qual os estudantes demonstraram-se interessados, após o curso ainda houve 4 alunos querendo se aprimorar no aprendizado de LIBRAS, demonstrando ser a carga horária insuficiente em relação ao desejo de aprender encontrado nos educandos.

Em geral, em ambos os cursos, os alunos chegam à sala de aula com poucas informações sobre o surdo, a surdez ou a LIBRAS. Há perguntas e afirmações recorrentes que evidenciam a falta de conhecimento sobre a língua, uma delas é se LIBRAS é uma língua só em todo o mundo, língua universal, pergunta que pode ser respondida apenas se atentarmos à nomenclatura da língua, LIBRAS, Língua **Brasileira** de Sinais. Uma afirmação é o fato de os alunos referirem-se ao surdo como surdo-mudo em muitas ocasiões, sempre no início dos cursos de LIBRAS.

A última questão sobre a qual refletiremos é se há posições sujeito apontadas através do discurso universitário das FATECs, a partir da experiência de ensino de LIBRAS, na tentativa de responder ao Decreto Lei de Libras? Sobre esta questão nossa reflexão se estenderá às considerações finais.

### **Considerações Finais**

Sim, há representações sobre o sujeito surdo apontadas segundo o que se coloca a partir deste específico contexto universitário, pensar sobre elas é o desafio agora.

Já que discutimos os significados de linguagem e de posição sujeito, passemos a pensar as posições sujeito atribuídas ao surdo, nos anos 30, no Brasil a partir de três crônicas de Cecília Meireles que falaram sobre a criança surda, no Rio de Janeiro, na primeira instituição brasileira destinada a educar somente surdos no Brasil, o INES, Instituto Nacional de Educação de surdos. As crônicas foram analisadas e delas foram retiradas seis posições sujeito surdo. Estas posições sujeito (Costa, 2010, p. 51-76) representam as formas como era possível significar o surdo, como o surdo era dito e interpretado nos anos 30.

Tais representações têm o intuito de que se possa compreender que os sentidos da surdez têm relação com determinada época. Também há aqui a finalidade de pensar, estas seis posições sujeito do passado comparando-as ao discurso atual. Sendo assim, que efeitos de sentido existem nas representações atuais? Quais as posições sujeito surdo permanentes ainda hoje e quais os deslocamentos discursivos ocorridos?

Segundo as posições sujeito possíveis sobre o surdo nos anos 30, são elas: Posição sujeito surdo patológico, Posição sujeito surdo anormal, Posição sujeito surdo-mudo, Posição sujeito

símbolo do desconhecido, Posição sujeito surdo escolar, Posição sujeito surdo ser social.

A tabela abaixo busca perceber, na comparação entre os discursos dos anos 30 e atual, quais são os deslocamentos possíveis segundo os dizeres que se instauram.

**Posição sujeito surdo patológico: há deslocamento discursivo?**

<b>Anos 30</b>	<b>2014</b>
Compreensão do surdo como enfermo, doente. É a predominante nas crônicas analisadas.	Não - patológico: nos referimos a este sujeito como surdo no ambiente universitário, isso aponta para uma condição identitária de aceitação da diferença e não como alguém que se quer curar. Outro elemento que demonstra o sujeito não - patológico é o fato da língua de sinais ser não só usada, como também ensinada na faculdade, o que demonstra a mudança do entorno para a inclusão do surdo e não a mudança do surdo em relação ao ambiente universitário.

**Posição sujeito surdo anormal:**

<b>Anos 30</b>	<b>2014</b>
Compreensão do surdo como um desvio da norma, do que é estabelecido como regra, não é ouvinte, viola as leis da sociedade e da natureza por não se encaixar no que se espera.	Há deslocamentos, tanto que há uma Legislação nacional com textos específicos sobre a surdez. Há marcas discursivas do que está fora da norma, que necessita de palavras específicas para fazer valer o direito do sujeito surdo na sociedade. Porém, há espaço para que se possa pensar a partir da diferença e não da anormalidade. Apesar de representar um ganho à sociedade, este fato pode ser pensado como algo que ainda não é natural, algo que precisa ser garantido por força de lei. Há ainda muito o que se pensar, mas houve deslocamentos.

**Posição sujeito surdo-mudo:**

<b>Anos 30</b>	<b>2014</b>
Referido como mudo, mesmo que, na época já estivesse disponível a	O fato de no primeiro dia de aula sempre algum aluno se referir ao surdo

<p>informação de que o surdo não era necessariamente mudo. Quem tem uma língua própria não é mudo, ele se comunica em sua língua.</p>	<p>como surdo-mudo significa que esta posição ainda é representativa da discursividade atual e mostra que este sentido (de não ser mudo) não ecoou na história e que o surdo chama atenção da sociedade por não se comunicar da mesma forma que o ouvinte. No decorrer do curso, os alunos entendem, através do conhecimento a respeito da surdez, que se o surdo tem sua língua, língua de sinais, ele não é mudo.</p>
---	---

**Posição sujeito símbolo do desconhecido:**

<b>Anos 30</b>	<b>2014</b>
<p>Amparada na relação ouvinte-surdo, no fato do surdo causar estranhamento, desconforto causado pelo não saber, recuo, observação.</p>	<p>O fato de haver tão poucos surdos no espaço universitário de educação pública pode ser pensado a partir de diversos fatores, dentre eles a posição é possível reafirmar a posição sujeito surdo símbolo do desconhecido. Se o surdo ocupa em número tão pequeno o espaço do ensino superior, isso ainda o torna parte desta posição sujeito.</p> <p>A questão feita pelos alunos de LIBRAS sempre no início de cada curso sobre LIBRAS ser língua universal, demonstra em palavras o desconhecimento tanto da língua como do próprio surdo. Ora, quem conhece um surdo ou vários, entende a questão da variedade linguística das línguas de sinais e não reduziria esta língua a ser uma só no mundo todo, assim como qualquer outra língua não é universal também em língua oral.</p>

**Posição sujeito surdo escolar:**

<b>Anos 30</b>	<b>2014</b>
<p>Fundamentada na educação especializada, no fato do surdo ser</p>	<p>A posição sujeito surdo escolar foi deslocada se comparada aos anos 30.</p>

<p>reconhecido como heterogêneo, porém haver um esforço de levá-lo à homogeneidade já que a educação era toda voltada para levar o surdo à oralização, a se comunicar como um ouvinte.</p>	<p>A Educação não é especializada porque tenta incluir na escola regular, o paradigma atual é o da inclusão e assim sendo, o ambiente educacional é que deve ser preparado para o surdo e não o contrário. Há o reconhecimento e o respeito à diferença, no entanto que demonstra crise porque sendo uma instituição governamental, ainda recebe tão poucos alunos surdos e ao se achegarem, há sempre uma ameaça, a possibilidade da desistência, algo a se pensar.</p>
--	--

**Posição sujeito surdo ser social:**

Anos 30	2014
<p>Posição de abandonado, sem cidadania como os demais ouvintes, figura oprimida, dita através de um tom dramático.</p>	<p>A Lei Brasileira, ao ter textos específicos sobre a surdez, traz marcas discursivas de deslocamento em relação ao sujeito surdo na sociedade. A partir do momento em que um direito é assegurado, é possível afirmar que discussões já foram travadas, que já houve força política a respeito do assunto. Garantidos os direitos do surdo por força de lei, a posição sujeito surdo social sai da forma de abandono, ou de não cidadania, se desloca.</p> <p>O interesse do ouvinte em estudar LIBRAS – seja por formação profissional/ pedagógica ou por qualquer outra razão, representa um deslocamento se comparado ao passado, em que o surdo deveria ser oralizado. Agora, há ouvintes aprendendo a língua do surdo. O direito linguístico altera a posição sujeito surdo social se comparado aos anos 30.</p>

Se somos sujeitos, falamos a partir de uma posição sujeito e projetamos também uma posição sujeito sobre o outro de quem falamos, desse modo, é importante salientar que não

falamos a partir de um determinado tempo, mas a partir da memória de sentidos que não é consciente, contudo faz a língua funcionar. Isso implica em dizer que ao produzirmos discursos sobre o outro, temos efeitos de sentido em nós, sobre o outro.

Outros gestos de interpretação podem ser dados aos discursos circulantes. Refletir sobre o sujeito surdo e as posições a ele concedidas nos dão visão de historicidade e nos levam a pensar nossas ações presentes e futuras. Este é o convite que se faz, pensar, movimentar os discursos por meio também de nossos gestos de interpretação.

### Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 19*. Campinas: Unicamp, 1990

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Trad. de Pfeiffer, C.R. e outros. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

BENVENUTO, Andrea . **“O surdo e o inaudito. À escuta de Michel Foucault”**. In: GONDRA, José / KOHAN, Walter (orgs.). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, (p. 227-246.). 2006

BOLOGNINI, Carmen Zink. (org.) **A Língua Inglesa na Escola**. Campinas. SP. Mercado de Letras. 2007. In: *A formação de professores de LE e o objeto de ensino*.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa (2010). **A educação do surdo ontem e hoje, posição sujeito e identidade**. Campinas, SP. Editora Mercado de Letras

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. **Educação e Espiritualidade: pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência**. São Paulo: Paulus, 2009.

FAVORITO, Wilma. **“O Difícil são as palavras”: representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos / Wilma Favorito**. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006 - Tese de doutorado.

GESSER, Audrei. **“Um olho no professor e outro na caneta”**: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado. Campinas, SP. 2006

LACERDA, Cristina B.F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. *Cadernos Cedes*, n.46. Campinas, setembro 1998, p. 68-80.

LIMA, Maria do Socorro . **Surdez, Bilingüismo e Inclusão**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Unicamp. 2004

MANTOAN, Maria Teresa Égler. (org.) **Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2002.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos** - Campinas, SP: Pontes; 6ª edição. 2005

\_\_\_\_\_. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas. Pontes. 2004

-----.(org.). **Discurso fundador**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição. 2003

PEREIRA, Terezinha de Lourdes. **Desafios da implementação do ensino de LIBRAS no ensino superior**. Ribeirão Preto. SP: CUML, 2008. 94p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda.

REILY, Lucia. **O papel da igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Revista Brasileira de Educação, vol. 12, Nº 35, Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000200011&script=sci_arttext)  
94 Acessado em maio de 2009.

ROCHA, Solange . INES Instituto Nacional de Educação de Surdos – **Revista Espaço: Edição Comemorativa 140 anos**. Belo Horizonte. Editora Littera. 1997

RIBEIRO, Abigail França (2009). **Há prazos legais para a implantação de Libras pelas IES já vencidos**. In: **Gestão Universitária**. Companhia da Escola. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/colunas/2-abigail/20526-ha-prazos-legais-para-implantacao-de-libras-pelas-ies-ja-vencidos.html>.  
Acessado em agosto de 2009.

SATANA & BÉRGAMO, Ana Paula e Alexandre. **Cultura e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005  
Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SILVA, Ivani Rodrigues. **Línguas em Contato e em Conflito: A Criança surda na Escola. Intercâmbio** (PUCSP), v. XII, p. 301-308, 2003.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos**. Porto Alegre: Mediação. 1999.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice Muller de. **Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos**. Estilos da Clínica, São Paulo, v. V, n. 9, p. 32-51, 2000.